

KALUNGAS EM CENA – UM PERCURSO DO CORPO ENTRE A TRADIÇÃO E A CONTEMPORANEIDADE

Jonas Sales¹

RESUMO

Ter a percepção do corpo em diversos âmbitos sociais faz com que o entendimento de si mesmo e sobre os outros estabeleça caminhos para a formação de conceitos e procedimentos cotidianos. O trabalho desenvolvido com adolescentes remanescentes das comunidades Kalungas, na cidade de Cavalcante/GO é o foco desta exposição. Resultados estético-artísticos refletidos nos corpos, em estado de cena, permitem que a história da tradição se expresse de maneira dinâmica, abrindo possibilidades para reflexões dos fazeres e dos saberes do corpo. Projeto que faz parte do Centro UnB Cerrado (localizado na Chapada dos Veadeiros-GO) – Teatro e Expressões Artísticas na Chapada dos Veadeiros – busca proporcionar àqueles jovens, oficinas de teatro com investigação na experiência da tradição em interseção com a cena contemporânea. Como uma das decorrências da primeira fase do projeto, os jovens partícipes propuseram leituras estéticas com resultado em um Cortejo Cênico que exprimia suas danças, músicas, contos, histórias contadas e vividas por um grupo que manifesta, por meio dessas linguagens, seus percursos de vida. Dessa forma, é possível vislumbrar e discutir sobre a performatividade dos corpos que trazem histórias da tradição e projetam-se em processos estéticos na atualidade.

Palavras-chaves: Tradição. Contemporaneidade. Teatro. Corpo.

ABSTRACT

Having the body perception in several social contexts makes that an understanding of oneself and about the other ones establish the ways concepts formation and everyday procedures. The developed work with remaining teens of Kalungas communities, in the town of Cavalcante / GO, is the focus of this exhibition. A esthetic-artistic results, reflected by the body in status of the scene, allow that the history of the tradition expresses itself in a dynamic manner, opening up possibilities for reflections about the body doings and knowledge. Project that is part of the Cerrado UnB Centre (located at Chapada dos Veadeiros -GO) - Theatre and Artistic Expressions in Chapada dos Veadeiros - seeks to provide to those youth theater workshops with research on the experience of the tradition in intersection with the contemporary scene. As one of the consequences of the first project phase, the young participants proposed aesthetic readings resulting in a scenic procession which expressed their dances, songs, tales, stories told and experienced by a group that manifests, through those languages, their life trajectories. Thus, it is possible to glimpse and discuss about the performativity of the bodies that bring stories of tradition and project themselves into aesthetic procedures nowadays.

Keywords: Tradition. Contemporary. Theatre. Body.

¹ Jonas Sales é professor da Universidade de Brasília, com foco em Arte-Educação, Teatralidades Brasileiras e Pedagogias da Cena. Coordena o projeto de extensão Teatro e Expressões artísticas, na Chapada dos Veadeiros-GO e participa do projeto de extensão Teatro Alfa, jn_sales@ig.com.br

1 Para Início de conversa

O corpo tem uma história. Considerando essa afirmação, dou início aos comentários que seguem neste texto, refletindo acerca do contexto de que passamos por situações diversas ao longo de nossas experiências com o outro e conosco, e dessa forma, proponho considerar que estamos aptos a contar histórias a partir da memória sensível que se estabelece em nosso corpo. Portanto, adentraremos o universo desse sensível na intenção de estabelecermos diálogos com a constituição de saberes no corpo. Entender-se-á como sensível o processo de recepção do corpo em relação aos fatores externos e circundantes presentes nos meios sociocultural e ambiental. Assim sendo, a nossa matéria física recebe e transforma em saberes os elementos sentidos durante a constante troca sinestésica com o meio em que vivemos. Cito Nóbrega cujo comentário corrobora com essa reflexão ao apontar o corpo que ora tenciono retratar:

É a nossa relação corporal com o mundo que cabe destacar. Essa contingência marca tudo o que tem lugar fora do corpo, inclusive nas investigações científicas ou filosóficas sobre o corpo humano, bem como nas intervenções educativas. O corpo, abstraído em análises que recortam-no, fragmenta-se no corpo naturalizado de uma determinada visão da biologia, no corpo socializado das ciências sociais, no corpo instrumentalizado por diversas pedagogias. Recortado o corpo, de que corpo falamos? Como é possível considerar o corpo como campo de saberes, um corpo de pesquisa que ultrapasse esse reducionismo e que considere a nossa condição corpórea? Falar do corpo é sempre reduzi-lo a tema do discurso, mas é preciso admitir que a fala também é gesto. Assim como corpo é sempre condição e limite da própria história humana, uma história encarnada. (NÓBREGA, 2006, p.64)

Considerando essas indagações a busca da nossa matéria física como campo do saber, faz-se pertinente conjecturar a construção de nossa história registrada em nossos corpos, mediante a configuração e a inter-relação de signos e simbologias que refletem as múltiplas vivências que constituem as nossas

sociedades em diversos pontos do planeta. Tenhamos, pois, o corpo como a história encarnada de fato. Um corpo memória. Reflitamos à luz da perspectiva de que um corpo é sujeito de propostas estéticas e de ressignificação da realidade que o permeia.

Atentando para a produção das culturas elaboradas pelos tantos e diferentes grupos sociais existentes no Brasil, é fundamental que se tenham as expressões artísticas que essas comunidades produzem como fatores preponderantes de um corpo que é produtor de formas estéticas. Neste contexto de produtores de formas de arte, as agregações étnicas contribuem para uma parcela considerável nas propostas artísticas que surgem a cada dia pelos cantos e recantos do país.

Assim, tomemos como parâmetro, adicionalmente, outro aspecto que merece nossa atenção nesta conversa: a concepção que se tem, em geral, sobre os grupos étnicos advindos da África e escravizados em *Terra Brasilis*. Embora não seja de interesse para esta discussão, aprofundar-se na problemática da escravatura dos povos negros em nosso país, seguramente haveremos de resgatar alguns pontos relativos a essa questão, visto que os sujeitos aqui envolvidos trazem tais marcas em suas histórias. Abordaremos esse assunto à luz das novas concepções da história e de tantos outros campos epistemológicos, bem como sob a perspectiva de estudiosos que o discutem, como KI – ZERBO (2010) que, ao comentar sobre os danos causados na história dos negros a partir de sua extradição do continente africano, aponta para os estereótipos criados ao longo do processo de escravização e que sobrevivem até os nossos dias. Ele diz que:

Outro fenômeno que grandes danos causou ao estudo objetivo do passado africano foi o aparecimento, com o tráfico negreiro e a colonização, de estereótipos raciais criadores de desprezo e incompreensão, tão profundamente consolidados que corromperam inclusive os próprios conceitos da historiografia. Desde que foram empregadas as noções de “brancos” e “negros”, para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica

e psicológica. Marcado pela pigmentação de sua pele, transformado em uma mercadoria entre outras, e destinado ao trabalho forçado, o africano veio a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma essência racial imaginária e ilusoriamente inferior: a de negro. Este processo de falsa identificação depreciou a história dos povos africanos no espírito de muitos, rebaixando-a a uma etno-história, em cuja apreciação das realidades históricas e culturais não podia ser senão falseada. (KI – ZERBO, 2010, p. XXII)

Desse modo, quero reforçar a lembrança de que o homem negro escravizado em nosso país, em sua lamentável exploração, deixou-nos marcas, registros e construiu elementos fundamentais na nossa história para a elaboração de nossa cultura, principalmente, no campo da Arte. É inegável o papel preponderante das diversas etnias negras chegadas da África em nosso processo de construção de saberes na sociedade brasileira. Tenhamos como referência a verdadeira história que esses povos vivenciaram, com seus conflitos culturais, suas mágoas, suas lutas e suas convicções herdadas em seus berços de origem e que se refletem indubitavelmente na atualidade.

É importante, também, termos uma ideia do que se configura como Tradição para conduzir nossa conversa. A palavra **tradição** deriva do latim, do verbo tradere (*traditio, traditionis*) que significa trazer, entregar, transmitir, ensinar. Logo, **tradição** remete à ideia de transmissão de saberes culturais de um povo, seja de natureza espiritual ou material, saberes esses que atravessam gerações. É a memória cultural de um povo. São ideias, memórias, recordações, símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações, e que se ressignificam com a dinâmica que o tempo oferece. Estabelecidas as bases de pensamento, caminhamos para o foco dessa comunicação: os jovens Kalungas do Cerrado Brasileiro em cena.

2 Por onde foram os nossos caminhos

O Centro de Estudos do Cerrado Chapada

dos Veadeiros (UnB Cerrado) desenvolve, desde o ano de 2009, seu processo de implantação na região do cerrado brasileiro, com sede precisamente na cidade de Alto Paraíso/GO, mas que abrange como espaço de atividades de pesquisa e extensão as cidades de Cavalcante, São João da Aliança, Teresina de Goiás e Colinas do Sul, todas no estado de Goiás. Diversos pesquisadores, vinculados a centros da Universidade de Brasília, colaboram com os estudos nas áreas de Meio Ambiente, Química, História, Antropologia, Geografia, Turismo, Pedagogia e Artes. Tais estudos visam contribuir para a identificação e caracterização dos principais desafios e oportunidades ao desenvolvimento regional sustentável da Chapada dos Veadeiros. Assim, criam-se interlocuções com as comunidades da localização em seus diversos aspectos socioculturais.

Nesse processo, insere-se o projeto *Teatro e Expressões Artísticas na Chapada dos Veadeiros*, com caráter de pesquisa e extensão, o qual tem como objetivo a realização de mapeamento das expressões culturais tradicionais da região em suas práticas, formas de expressões e fazedores. Conjuntamente às pesquisas sobre as manifestações artísticas, desenvolvem-se oficinas de teatro para a comunidade local, durante as quais busca-se instrumentalizar os participantes na linguagem do teatro, de forma que o conhecimento adquirido possa ser colocado em prática e socializado com essa comunidade, vislumbrando os participantes como agentes culturais na área de Artes Cênicas.



Figura 1- Atividade com a participação de jovens das comunidades Kalungas, na cidade de Cavalcante/GO
Foto: Jonas Sales

No ano de 2010, o grupo de adolescentes comprometidos com o projeto esteve em um processo de reelaboração artística a partir de seus referenciais de cultura. O trabalho de experimentação com o teatro buscou confluir para as atividades desenvolvidas com os jovens Kalungas² o diálogo entre a tradição que perpassa a história do grupo e as possibilidades da elaboração de Arte Contemporânea. Para levantar possibilidades de leituras e reelaborações estéticas, tendo referências das expressões de arte da comunidade, o viés de convergência para essa organização de saberes e reorganização estética foi o corpo.

Entender o corpo implica a ideia de compreender-se, e nesse entendimento, é possível construir uma relação com o coletivo, o que significa expor, culturalmente, as atitudes que o corpo traduz e insere ao cotidiano. Nossas atitudes no dia a dia acontecem de forma natural, espontânea ou são provocadas por outrem, é certo; porém muitas vezes não atentamos para a leitura que nosso próprio corpo estabelece, buscando o entendimento dos significados representados pelo movimento corpóreo em outras fontes. Ficamos ligados a conceitos estabelecidos por mitos que são relatados em nossos grupos sociais e esquecemo-nos de nos olhar, e com isso, deixamos de descobrir outros potenciais de conhecimento sobre nós mesmos que possam dialogar com o outro a partir desse saber. Portanto, faço uso das ideias de Oliveira ao dizer que

A compreensão do corpo simbólico perpassa pelo mito, vez que as imagens míticas são a exteriorização do corpo humano. [...] Tendo ou não conhecimento dos mitos conhecidos ou desconhecidos sempre vivemos as histórias herdadas. [...] É certamente por isso ficamos presos, mesmo que inconscientemente nas imagens mitológicas que herdamos. Fixados em tais imagens deixamos de viver nossa própria experiência e “adquirir” ou “construir” nossa imagem. (Oliveira, 2010)

Viver e reviver as histórias herdadas por nossos ancestrais faz-se pertinente para que haja diálogos que estruturam os elos entre a tradição e o cotidiano vigente. Nesse sentido, vejo o corpo

como uma casa onde habitam diversas histórias, experiências, simbologias, e por isso mesmo, é momento de perdermos os receios de descobriremos esse tão valioso elemento de criação e significados.



Figura 2 - O corpo em cena. Foto: Jonas Sales

Na Fig.2 vislumbra-se o corpo como elemento de assimilação de saberes. Nosso corpo é o canal que permeia todas as formas do sentir; é por meio dele que os sentidos se manifestam, proporcionando a percepção e o encorporamento dos códigos do fenômeno estético e transformando-os assim em saberes, em conhecimento. Para Hühne (1994), o fenômeno estético gera saberes a partir da experiência estética vivenciada pelo indivíduo. Nesse sentido, em nossa vivência diária, apreendemos códigos que servem como elementos para a construção de nossa cultura. Em nosso corpo molda-se, então, a cultura, provocando técnicas e estéticas que sugerem leituras, tal como reforçado no pensamento a seguir:

O corpo representa o fundamento, a origem e o princípio da cultura, enquanto que esta significa o prolongamento e a potencialização de nossa somaticidade. Inclusive as criações técnicas mais complexas mantêm a marca de sua adaptação à corporalidade. Não é necessário ver esse prolongamento do corpo na cultura como compensação de uma deficiência [...] por outro lado, a organização geral da cultura dirige-se à satisfação das necessidades humanas, mesmo que essas, na própria cultura, sejam complicadas e recriadas. (PARIS, 2002. p.66)

Por meio do corpo sensível recebemos saberes, de modo que se aponta para a construção de uma educação pelo corpo. Educação que se elabora

²Os povos Kalungas são comunidades de herdeiros de grupos escravizados na região do cerrado central brasileiro.

em seus processos, nesse caso: a Arte.

O foco, pois, desse trabalho foram os jovens da cidade Cavalcante/GO, com idade entre 13 e 23 anos, sendo em grande maioria negros que moram ou tem famílias nas comunidades Kalungas da região como Vão de Almas, Vão de Moleque e Engenho I. Foram realizadas oficinas de teatro em encontros quinzenais com o intuito de oferecer caminhos que propiciassem a sensibilização de seus corpos, favorecendo a esses sujeitos envolvidos o encontro com propostas estéticas que transmitissem, em seus contextos, as histórias herdadas por eles em diálogo com sua realidade atual, considerando as suas práticas na contemporaneidade. Em meio a esses encontros foi percebida, a partir de jogos corporais, rítmicos e teatrais, uma rigidez corpórea do grupo, sendo isso, a princípio, um fator problemático para os objetivos estabelecidos.

Diante de tal situação, surgiram estes questionamentos: como fazer com que aqueles jovens vivenciassem a plenitude das potencialidades de seus corpos? Quais os caminhos possíveis para um estabelecimento de comunicação entre o universo acadêmico e o empirismo dos saberes dos adolescentes envolvidos? Que histórias guardam esses corpos e como chegarmos a uma leitura eficiente sem que se comprometa a naturalidade que emana dos saberes por eles já construídos?

Nesse sentido, buscou-se, dentre as expressões vivenciadas pelo grupo, uma experiência que todos já tivessem participado de algum modo, seja como brincante ou espectador, para edificarmos descobertas no intuito de que as respostas levantadas anteriormente fossem respondidas. Assim, o grupo chegou ao ritual a que chamam de *Império* - ritual que, numa rápida descrição, marca a coroação do imperador das folias do Divino, que traz em seu cortejo rei e rainha negros, os quais vêm cercados por varas de bambus enfeitadas e que são seguidos com seu séquito contendo tocadores, dançarinos, porta-estandarte. Todos seguem até uma igreja católica e entoam cantos e orações.

É no momento da confluência de ideias que é possível entender as peculiaridades que unem

um grupo de pessoas em uma só identidade e se caracterizam como cidadãos de uma mesma cultura. Como aponta Gellner,

...a cultura é agora o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez, antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir. Para uma dada sociedade, ela tem que ser uma atmosfera na qual podem todos respirar, falar e produzir; ela tem que ser, assim, a *mesma* cultura. (Gellner, 1983, p. 37)

A manifestação espetacular O cortejo do Império foi o 'mote'³ para entendermos os reflexos da história daquele grupo de jovens descendentes de negros escravizados que veio se esconder e reerguer uma nova vida naquela região, longe das barbáries impostas aos povos negros no Brasil colonial. O Império é uma expressão da tradição desse grupo étnico que mostra aspectos de sua religiosidade e de uma resistência a uma hierarquia monárquica que tornou difícil a esses negros a manutenção de seus líderes em terras brasileiras. Nesse evento espetacular é possível identificar uma trajetória cênica com representações sociais definidas pelo grupo, de maneira que os sujeitos envolvidos criam uma atmosfera de festa e oração, numa performance desse grupo social que imprime em seu hibridismo uma estética de valorosa consideração.

Os corpos que desfilam com "representações" de figuras como o rei, a rainha, o porta-estandarte e os anjos, assumem posturas que derivam de movimentos conforme o que vivem naquele momento, desde uma rigidez a uma soltura, refletindo símbolos e signos que são rememorados a cada vez que esse ato é mostrado à comunidade. Então, percebe-se que esses corpos têm seus registros históricos que falam e ecoam uma ancestralidade que caminha até hoje por meio de uma tradição que se perpetua por meio de uma dinâmica que transcende o tempo.

Ao longo das oficinas de teatro realizadas no ano de 2011 (Fig.3 e 4), os adolescentes tiveram a oportunidade de pesquisar e compartilhar suas tradições expressivas em busca de entender os códigos e símbolos que representam a comunidade

³Termo popular utilizado para designar o motivo, o tema a ser abordado.

da qual fazem parte. Brincar com o *Cortejo do Império* e a *Sussa*⁴ foi o percurso escolhido para que os adolescentes Kalungas pudessem se sentir à vontade e donos de sua expressividade, sem que tivessem regras impostas por técnicas acadêmicas proporcionadas pelos estudos teatrais. O encontro, com referências de uma expressividade da qual dominam, modificou a relação desses jovens com os próprios corpos, promovendo uma liberação corpórea coletiva e, assim, foi possível perceber as individualidades corporais e uma grande capacidade de *poiésis* desses jovens em movimento.



Figura - 3. Foto: Jonas Sales

Percebendo o potencial que esses corpos jovens, negros, belos apresentaram, a partir da liberdade dos movimentos que a identificação com suas tradições lhes permitiu, deu-se continuidade ao trabalho corpóreo ao construir composições de imagens, cenas, movimentos que pudessem resultar em propostas estéticas em comunicação com a atualidade que vivenciamos, sem que fosse algo do passado, mas sim fruto de uma tradição inegavelmente presente em nossos dias e que vislumbra sua existência para o futuro. Logo, foi reelaborado um cortejo com os jovens Kalungas. No cortejo em praça pública eles tiveram a oportunidade, pois, de ler a história de seu povo e mostrar, por meio de releituras estéticas cênicas, por meio de seus corpos em movimento, uma forma representacional da tradição que anda em constantes passos rumo ao futuro.



Figura - 4. Foto: Jonas Sales

3 O que podemos refletir com essa prática?

Intitulado de *Cortejo Cênico*, os jovens Kalungas entraram em cena para expor potencialmente o diálogo construído entre os saberes técnicos da cena apreendidos nas aulas de teatro e seus saberes tradicionais. Os jovens Kalungas se permitiram, portanto, criar metáforas, transformando ideias e sistematizando seus saberes. Refletindo que,

O modo que como pensamos e agimos, o que experimentamos e o que fazemos em nosso cotidiano, tudo é matéria metafórica. [...] A sistematicidade que nos permite entender um aspecto de um conceito em termos de outro cai necessariamente indicar outros aspectos do mesmo conceito. Por isso, ideias são objetos, expressões linguísticas são como recipientes de conceitos e a comunicação é a ação de enviar, de transportar. Ou seja, a comunicação, pela sua própria natureza de operar como uma espécie de 'transportadora', já cria novas metáforas organizando o trânsito entre ação e palavra, entre dentro e fora do corpo e assim por diante. (Greiner, 2005, p. 44-45)

Desse modo, entre danças, poesias e canções pelas ruas da cidade, o grupo de adolescentes desfilou com figurinos coloridos, maquiagem acentuada, adereços e movimentações corpóreas, cortejando um público que apreciava, aprendia e também se identificava com as letras e ritmos que os jovens demonstravam em seu espetáculo cênico. Assim, os corpos em cena confirmavam para a comunidade que os assistia, a história que seu povo vive em

⁴Dança de movimentos livres que os grupos kalungas normalmente fazem em seus festejos

sua tradição. Revelou-se, naquele momento, a real capacidade que o corpo tem de construir linguagens que codificam o mundo, significando e perpetuando os saberes das diversas sociedades, conduzindo-os dinamicamente para as gerações futuras.

Referências

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

GELLNER, E. **Nations and Nationalism**. Oxford: Blackwell, 1983.

HÜHNE, Leda Miranda. (Org.). **Fazer Filosofia**. Rio de Janeiro: UAPE, 1994.

KI – ZERBO, Joseph. **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

NÓBREGA, Teresinha Petrucia da. **Epistemologia, saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2006.

OLIVEIRA, Eliene Rodrigues. Novo olhar para o corpo. **Revista OUVIROUVER**: Uberlândia. V. 6; Nº 2, ano 2010.

PARÍS, Carlos. **O Animal cultural**: biologia e cultura na realidade humana. São Carlos: EdUFSCar, 2002

Recebido em: 16/06/2014

Aprovado em: 11/07/2014